

DE SAUSSURE, DE OUTRAS CONTRIBUIÇÕES, DE OCORRÊNCIAS LINGUÍSTICAS: A RELEVÂNCIA DA ETIMOLOGIA POPULAR

Maria Teresa Gonçalves Pereira
(Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

RESUMO

Ler ou estudar Saussure costuma demandar uma atitude preconcebida. Há ideias e conceitos do mestre suíço que se disseminaram como ícones nos estudos da linguística contemporânea. Este artigo objetiva focalizar um assunto recorrente na vivência linguística, mas pouco associado ao *Curso de Linguística Geral* (1975). Pretende-se, a partir dos escritos de Saussure, apresentar considerações de conceituados estudiosos dos fenômenos da linguagem, para avivar e resgatar a relevância da etimologia popular no rol dos recursos da língua disponíveis para pesquisa e análise. Selecionaram-se, além de exemplos da evolução do fenômeno em questão em línguas estrangeiras, material em obra de ficção em língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Saussure; etimologia popular; estudo teórico; vivência linguística

(Re) pensar Saussure é oportuno, apesar de alguns linguistas contemporâneos rebaixá-lo ou minimizá-lo, como se a Linguística Moderna, ou o que se entende por isso, tenha surgido por artes mágicas, catapultada de um passado remoto (e irrelevante), tornando-se o astro principal do grande espetáculo das Letras.

A contribuição de Saussure é decisiva. Um marco. O *Curso de Linguística Geral* (1975) é um livro clássico. Apresenta ideias que continuam polêmicas e incompletas, constituindo-se ainda em ponto de partida para uma problemática sempre na ordem do dia.

Lê-lo para (re) pensar se revela essencial. As célebres dicotomias seguem desafiando os estudiosos em seus desdobramentos. Parece-nos impossível não conhecer o *Cours* antes de qualquer interesse pelos rumos e pelas possibilidades das pesquisas (lingüísticas) atuais. Saussure levanta uma série de questões. Normalmente conhecido por palavras-chave de sua obra – arbitrariedade do signo, língua e fala, sincronia e diacronia, significante e significado, relações sintagmáticas e paradigmáticas, identidade e oposição, dentre outras, – ao explorar o índice do livro, surpreendemo-nos com a natureza de certos assuntos arrolados, surgindo daí o interesse e a curiosidade em desenvolver considerações sobre um deles, mais precisamente a “etimologia popular”.

Partindo do que nos diz Saussure, ampliaremos as suas reflexões com as ideias de outros teóricos, culminando por apresentar a materialização da etimologia popular em obra de ficção em Língua Portuguesa.

Baseando-se em exemplos do francês, Saussure lembra que, às vezes, “estropiamos” palavras cuja forma e cujo sentido são pouco familiares, o uso consagrando, então, tais deformações. Para ele (1975, p. 202), “Essas inovações, por mais extravagantes que sejam, não se fazem completamente ao acaso, são tentativas de explicar aproximativamente uma palavra embaraçante relacionando-a com algo conhecido”. A tal fenômeno atribui-se o nome de etimologia popular, observando que, à primeira vista, não se distingue da analogia. Pondera, entretanto, que a única diferença seria que as construções da analogia são racionais, enquanto a etimologia popular procede um pouco do acaso, não levando senão a “despropósitos”. No que concerne aos resultados, a diferença não é essencial. Não aprofundaremos a questão da analogia, detendo-nos tão somente na etimologia popular.

Saussure estabelece dois casos típicos: aquele em que a palavra recebe uma interpretação nova sem que a forma mude; por exemplo, na Idade Média, o alemão tomou emprestado ao francês *aventure*, que se transformou em *abentüre*, mais tarde *Abenteur*; sem deformar a palavra. Ela se associou a *Abend* (“o que se conta no serão”), de tal forma que no século XVIII se escrevia *Abendteur*. O outro caso, mais comum, é a deformação da palavra para acomodá-la aos elementos que se acreditam reconhecer nela, como *choucroute* (de *Sauerkraut*). Conhece-se um caso bastante instrutivo. O latim *carbunculus*, “carvãozinho”, gerou em alemão *Karfunkel* (por associação com

funkeln, “cintilar” e em francês *escarbouche*, ligado a *boucle*. *Calfefer*, *calfetrer* se tornou *calfeutrer* por influência de *feutre*. Chama a atenção, à primeira vista, nos exemplos em questão, que cada um deles encerra, junto de um elemento inteligível existente em outras palavras, uma parte que não representa nada de antigo (*Kar-*, *escar-*, *cal-*). Não se deve crer, porém, que exista, nos elementos destacados, uma parte de criação, algo que tenha surgido a propósito do fenômeno; o mais adequado é entender que se trata de fragmentos que a interpretação não consegue alcançar; são talvez etimologias populares que não se concretizaram de forma completa. *Karfunkel* está no mesmo caso de *Abenteuer* (admitindo-se que *teur* é um resíduo que permanece sem explicação).

O grau de deformação não estabelece diferenças essenciais entre as palavras “maltratadas” pela etimologia popular, são todas interpretações puras e simples de formas que não se compreenderam por formas conhecidas.

A etimologia popular se reduz a uma interpretação da forma antiga; mesmo não muito clara, a sua interpretação é o ponto de partida da deformação sofrida. Age em condições particulares e não atinge senão as palavras raras, técnicas ou estrangeiras que os indivíduos assimilam de modo imperfeito.

Stephen Ullmann (1964) acrescenta outras reflexões sobre o tema, inclusive, citando, várias vezes, o mestre suíço.

Observa que se adquire a motivação morfológica pelo processo comumente chamado de “etimologia popular”, designação muito criticada, pois “popular” não é realmente um termo apro-priado, visto que vários dos “erros” não foram perpetrados pelo “povo”, mas por pessoas ditas cultas ou semicultas: os copistas medievais, os humanistas do Renascimento, dentre outros. Existe uma designação, “etimologia associativa”, de autoria de Orr (1953), talvez mais adequada. Ullmann (1964), entretanto, assinala que já passara a ocasião de fazê-lo, pela dificuldade na época de modificar o uso linguístico. A força impulsora por trás da etimologia popular é o desejo de mo-tivar na linguagem aquilo que é ou se tornou opaco. Vendryes (1950, p. 86) lembra que “A etimologia popular é uma reação contra a arbitrariedade do signo. Quer-se, a todo custo, explicar aquilo de que a língua é incapaz de fornecer a explicação”. A motivação que dessa forma uma palavra recebe é mais psicológica do que histórica; baseia-se nas associações do som e do sentido, sem relação com a etimologia científica.

A etimologia popular é um dos mais conhecidos aspectos da Semântica. Em certos casos, a nova motivação afeta o significado da palavra, permanecendo intata, porém, a forma. Tomemos o adjetivo francês *ouvrable* quando deriva do antigo verbo *ouvrer* (latim *operari*) “trabalhar”, substituído por *travailler*, no século XVII, sobrevivendo somente no uso técnico. Partindo da elipse virtual de *ouvrer*, *ouvrable*, foi atraída para a órbita de *ouvrir* “abrir”, de forma que *jour ouvrable* “dia útil”, “dia de trabalho” é normalmente compreendido como o dia em que estão abertas lojas, repartições, etc. Contrariamente, existem casos em que a nova motivação mudará a forma de uma palavra, deixando o significado inalterado. No termo inglês *bridegroom*, “noivo”, que vem do antigo inglês *brydguma*, uma composição de *bryd* “noiva” e *guma* “homem”, quando o último termo desapareceu, o segundo elemento de composto opacizou-se, mais tarde identificado com *groom* “moço”, originando a forma moderna que remonta ao século XVI.

A etimologia popular pode atuar, em inúmeros casos, tanto na forma quanto no significado das palavras. O nome alemão para o dilúvio da Bíblia – *Sündflut* – era originalmente *sint-vluot*, “dilúvio universal”, alterando-se sob a influência da palavra *Sünde*, “pecado”. Tal interpretação, historicamente errada, não afetou somente a forma, inseriu também a ideia de pecado e de castigo no significado da palavra.

Em línguas com um sistema de ortografia não fonético, a etimologia popular pode limitar-se à palavra escrita, sem chegar a afetar sua pronúncia. Desse modo, o inglês *island*, “ilha”, deve o *s* à influência de *isle*, “ilhota”, com a qual não tem relação histórica. Há sempre a possibilidade de que letras mudas vivam pela chamada “pronúncia ortográfica”.

As palavras estrangeiras estão particularmente expostas à etimologia popular por não serem motivadas, sem raízes no idioma que as acolhe. Por tal motivo, têm campo livre as associações entre o som e o sentido.

Há vários exemplos conhecidos, inclusive alguns usados no *Cours* de Saussure; o já citado francês *choucroute*, “couve fermentada”, do alsaciano *sûrkrût* (alemão *Sauerkraut*), como um composto de palavras francesas *chou*, “couve”, e *croûte*, “crosta”, e o inglês *crawfish* ou *crawfish*, “camarão”, literalmente peixe que se arrasta, do antigo francês *crevice* (francês moderno *écrevisse*). A etimologia popular,

como enfatizado, pode alterar a forma e o significado de uma palavra pela conexão errada que estabelece com outro termo com o qual mantenha uma semelhança fonética. As investigações de Gillieron e de outros geógrafos linguísticos mostraram que se trata de um processo mais comum do que se pensa.

Ullmann (1974) adverte que, antes de se tentar reconstruir a história semântica de uma palavra, deverá certificar-se que o desenvolvimento foi espontâneo e não induzido por um termo foneticamente semelhante para não acontecer o que Orr (1953) chamou de “desenvolvimento pseudossemântico”. O contraste entre a etimologia científica e a popular é um alerta para a necessidade de diferenciar na linguística os pontos de vista histórico e descritivo. As ideias do homem comum sobre a derivação das palavras são um fato linguístico merecedor da atenção do filólogo, mesmo quando em contradição com o seu conhecimento próprio das etimologias.

Orr (1953, p. 142) resumiu com muita clareza a afinidade fundamental entre a etimologia culta e a popular:

A etimologia popular não difere essencialmente da sua irmã culta, a etimologia dos filólogos. Mais viva, mais ‘operante’ que esta última, faz instintivamente, intuitivamente e logo à primeira o que a outra faz intencionalmente com grande reforço de livros e de verbetes.

O fato já era evidente para alguns gramáticos do sânscrito; Gillieron (1912) e outros geógrafos linguistas também o ressaltaram. Para Orr (1937) é talvez um sinal dos tempos o desprezo que, na primeira edição do livro de Saussure, a “etimologia popular” recebeu, apresentada como um “fenômeno patológico”. A definição polêmica desapareceu nas demais edições.

Acreditamos que o raio de ação da etimologia popular é mais amplo do que muitos estudiosos dos fenômenos da linguagem admitem.

Seria interessante uma investigação estatística que averiguasse, por exemplo, quantas pessoas relacionam *noise*, “barulho”, com *noisome*, “fétido, insalubre”; *scare*, “afugentar”, com *scarfy*, “escarificar”; *nigger*, “negro”, com *niggard*, “mesquinho”. Existem outros pares análogos.

A etimologia popular pode também fornecer *motivação semântica* a um termo opaco. Duas palavras idênticas no som e não muito diferentes no significado tenderão a se considerar uma única palavra, com um sentido literal e outro figurado. Em inglês, *ear* é o nome do

órgão da audição; sua homonímia *ear* significa “espiga de cereais”. Originam-se de raízes totalmente diversas; a primeira se relaciona ao alemão *Ohr* e o latim *auris*, a segunda ao alemão *Ähre* e o latim *acus*, *aceris*. A sua homonímia em inglês levou à invenção de um elo semântico injustificado pela história: a maioria das pessoas provavelmente consideraria “*ear* dos cereais” como uma metáfora baseada na semelhança entre a espiga e a orelha (BLOOMFIELD, 1933, p. 436). Dados estatísticos estabeleceriam quantitativamente a ocorrência de tais relações.

Considera-se também etimologia popular quando duas palavras não são idênticas, mas apenas semelhantes no som. No caso, a forma de uma palavra se alterará para se tornar homônima da outra. Desse modo, o francês *souci*, “malmequer”, provém do baixo latim *solsequia* e primitivamente sem nada a ver com *souci*, “preocupação”, “cuidado”, derivado do latim *sollicitare*. No século XVI, entretanto, a flor representou o símbolo do cuidado, ajustando-se o seu nome por isso: de uma primitiva *soucie* e outras variantes mudou para a forma moderna, tornando-se idêntica à outra palavra *souci*. O mesmo acontece com o francês *flamme*, “flame, lanceta”, sem nenhuma relação histórica com *flamme*, “chama”: vem do greco-latino *phlebotomus*, no francês antigo a forma *flieme*, passando ao inglês *fleam*. Associou-se mais tarde como a outra *flamme* e a sua forma mudou até a identificação completa.

No francês moderno, *souci*, “malmequer”, ou *flamme*, “lanceta”, são motivados; consideram-se significados figurados das palavras para as ideias de “cuidado” e de “chama”.

As mudanças de significado devidas à semelhança fonética incluem-se em dois grupos. No mais enganador, o sentido antigo e o novo se aproximam um do outro, de maneira que o último *poderia* desenvolver-se espontaneamente a partir do primeiro, embora assim não aconteça. Por exemplo, a palavra francesa *forain*, que originou o inglês *foreign*, provém do baixo latim *foranus*, derivado do latim *foris*, “fora, exteriormente”. O significado original era “estrangeiro”, como ainda hoje em inglês. Na frase *marchand forain*, “mercador ambulante, feirante”, o termo associou-se erradamente com *foire*, “feira”, (do latim *feria* (*e*) “dia(s) de festa; féria(s)”, a mesma palavra do inglês *fair*. A associação afetou o significado completo de *forain*. A ligação semântica entre as ideias de “mercador ambulante” e “feira” facilitou a mudança, mas provavelmente a semelhança fonética com

foire tornou-se o fator decisivo. Em alguns dialetos há uma forma colateral *foirain* em que se percebe melhor a ligação com *foire*.

Outro exemplo do tipo é o substantivo inglês *boon*, que antes significava “súplica, pedido, rogo”, e depois “o objeto do pedido ou da súplica”; o seu sentido corrente é “um favor, um benefício, uma coisa pela qual se deve estar grato”. O desenvolvimento semântico poderia ocorrer de modo espontâneo, mas, talvez, recebesse influência do adjetivo homônimo *boon*, “bom, generoso”, forma anglicizada do francês *bon*. No segundo tipo, os dois significados são tão diferentes que não parece haver ligação entre eles. Ao invés de se ater a uma linha de desenvolvimento imaginária, o semântico experiente pesquisará a influência de uma palavra foneticamente semelhante que lhe forneça o elo que falta. Assim, o francês *gazouiller*, “murmurar, gorjear, balbuciar”, pode significar na fala popular “ter um cheiro desagradável”. Revelar-se-ia ingênuo derivar este novo significado do antigo, por se tratar evidentemente de gracejo vulgar sugerido pela assonância da sílaba inicial com a palavra *gás*. Mais complicado é o duplo significado do francês *essuyer*: “enxugar, secar” e “sofrer, suportar”. Orr (1937) exemplificou outro caso de “desenvolvimento pseudossemântico”: o segundo sentido não surgiu organicamente do primeiro; foi, antes, pela confusão com *essayer*, que agora significa “tentar”, mas que, no século XVI, significava também “experimentar, suportar, tolerar”.

Os etimologistas extrapolam, às vezes, no intuito de encontrar uma explicação “definitiva” para uma aparentemente simples mudança de significado.

Observemos ainda o adjetivo francês *fruste*, derivado do italiano durante a Renascença, que significava primitivamente “usado, desfigurado”; em meados do século passado adquiriu o sentido de “rude, grosseiro”. Para não supor uma ligação não legítima entre os dois significados, procurou-se no campo associativo da palavra (conceito desenvolvido por Bally, discípulo de Saussure; formado por uma rede de associações baseadas na semelhança ou na contiguidade) algo para explicar a mudança. Descobriu-se que *fruste* deve o seu novo sentido à influência do adjetivo foneticamente semelhante *rustre*, “rústico, grosseiro, desajeitado”; a forma *frustre*, documentada no século XV, mostra que os dois termos estiveram muito tempo associados na mente do povo. É possível que palavras semelhantes (*brusque*, *robuste*)

intervieram na mudança. Não existe nada de novo ou surpreendente em tais interferências e os geógrafos linguistas e demais estudiosos há décadas se familiarizaram com elas. Muitos linguistas que no passado as consideravam acidentes ou caprichos agora lhes reservam um lugar próprio na teoria geral dos campos associativos. Um etimologista imbuído de novos métodos estará menos sujeito a se deparar com os “desenvolvimentos pseudosseânticos”.

Ismael de Lima Coutinho (1969) nos informa que aquilo que os linguistas denominam genericamente de *etimologia popular* é repudiado pelos “homens cultos”. É fato, porém, que a influência da palavra modelo aparece mais facilmente pela sua conservação quase integral na nova forma.

Apresenta vários exemplos (1969, p. 154):

<i>barriguilha</i>	(<i>barriga</i>)	<i>braguilha</i>
<i>camapé</i>	(<i>cama</i>)	<i>canapé</i>
<i>esgatanhar</i>	(<i>gato</i>)	<i>esgadanhar</i>
<i>altomóvel</i>	(<i>alto</i>)	<i>automóvel</i>
<i>entrolhos</i>	(<i>entre</i>)	<i>antolhos</i>
<i>forçura</i>	(<i>força</i>)	<i>fressura</i>
<i>ourina</i>	(<i>ouro</i>)	<i>urina</i>
<i>ouvisto</i>	(<i>visto</i>)	<i>ouvido</i>
<i>praiamar</i>	(<i>praia</i>)	<i>preamar</i>
<i>palmeirão</i>	(<i>palmeira</i>)	<i>Paul Neyron</i>
<i>san cristão</i>	(<i>santo</i>)	<i>sacristão</i>
<i>semprenoiva</i>	(<i>sempre noiva</i>)	<i>centinódia</i>
<i>vagamundo</i>	(<i>mundo</i>)	<i>vagabundo</i>

Muitas expressões ou frases se alteraram graças à etimologia popular: *pancadaria de mouro* aparece como *pancadaria de molho*; *trazer à colação* passou a *trazer à coleção*; *baraço* e *cutelo* transformou-se em *braço* e *cutelo*; *insculpido* e *encarnado* alterou-se em *cuspidido* e *escarrado*. Os provérbios: *Não se pescam trutas a bragas enxutas* e *Falar francês como um basco espanhol* modificaram-se; passaram a *Não se pescam trutas a barbas enxutas* e *Falar francês como uma vaca espanhola*.

Refere-se também às palavras ou frases estrangeiras, ressaltando que estão mais sujeitas às modificações. É suficiente uma homonímia

ou semelhança qualquer entre o vocábulo estranho e o português para que o povo, em sua ignorância, identifique um com o outro.

Coutinho (1969) observa que entre nós se passa o mesmo que com outros povos. Cada grupo humano pronuncia as palavras estranhas ao seu léxico de acordo com os hábitos fonéticos da própria língua. Assim, o chinês torna monossilábicos todos os vocábulos estrangeiros. Para Sayce (1893, p. 74), “O hábito é um poder soberano na vida; os sentidos e as ideias, aos quais nos habituamos, nascem, sem serem chamados, na inteligência e nos lábios.”

Conforme Mattoso Câmara Jr. (1964, p. 139), etimologia popular é um termo criado por Ernest Förstemann em artigo com este nome em 1852 (“Sobre a etimologia popular alemã” – *Ueberdeutsche Volksetymologie* – PISANI 1960, p. 633). Förstemann distinguia três tipos de etimologia: a popular, a erudita e a científica, entendendo pela última a que faz a aplicação metódica e rigorosa aos princípios linguísticos, como as leis fonéticas. A etimologia erudita era a praticada pelos eruditos sem formação linguística, com “notável saber”, mas igualmente “notável falta de senso crítico”. Por etimologia popular, entendia “o esforço ingênuo do povo para compreender a formação das palavras que usa”. Via na etimologia popular “um passo pré-científico da atividade etimológica”. Partindo-se do conceito e do nome que estabeleceu, observa-se um dos “fatores mais interessantes e seguramente fundamentais da criação linguística” (PISANI, 1960, p. 635). A etimologia popular se insere no processo da analogia, que explica as mudanças de forma dos vocábulos pela interferência dos valores mórficos e semânticos na evolução fonética. Do ponto de vista da sincronia da língua, a etimologia popular, historicamente falsa, conserva realidade atual ao evidenciar a maneira pela qual os falantes entendem as relações mórficas e semânticas dos vocábulos que usam (VENDRYES, 1950, 176).

Eugenio Coseriu (1987) contribui com o assunto em questão, observando que há uma série de *etimologias populares*, tecnicamente “arbitrárias” e “falsas”, mas significativas do ponto de vista das associações que o sentimento linguístico estabelece entre os símbolos, das imagens que se expressam nos próprios símbolos e, por conseguinte, do mecanismo da criação metafórica na linguagem. Recorda a esse respeito as etimologias ingênuas dos antigos, desde as do *Rigveda*, em que o nome do deus *Agni* é associado à raiz *aj-*, “raptar” (“porque

rapta a riqueza aos inimigos”) às de S. Isidoro de Sevilha, segundo o qual as *camisas* têm esse nome “*quia in eis in camis dormimus*”, porque dormimos com elas nas camas.

São essas associações “arbitrárias”, essas *etimologias populares*, simples “erros” dentro da “evolução normal” da língua, simples “fenômenos patológicos” para o linguista restabelecer a “realidade histórica”? O linguista se limita à história exterior e formal das palavras, ignorando o sentimento linguístico, a consciência semântica dos falantes, as multifacetadas relações estabelecidas entre os símbolos nos atos concretos de falar? Poderia fazê-lo apenas caso a linguagem fosse um fenômeno da natureza, independente dos seres humanos que a (re)criam. Assim aconteceu na época em que se pensava que a linguística encontrava o seu lugar entre as ciências naturais e em que se considerava a língua-gem como um organismo com vida e leis próprias.

É diferente hoje, quando se sabe que a língua-gem não tem existência autônoma, é governada, segundo normas complexas, pelos indivíduos falantes: por todos os falantes duma comunidade e por cada um deles, em cada ato linguístico concreto.

Para Coseriu (1987, p. 67),

Não se pode fazer uma história puramente fônica (formal) das palavras, porque a palavra não é apenas “forma” (som), mas unidade de forma e conteúdo (som e significado), e porque se pode explicar a própria forma pelo significado (como no caso de *nigromancia*), assim como se pode explicar o significado pela forma (como no caso de *iterare*, “viajar”). Com efeito, a etimologia atual, que quer ser história concreta e completa das palavras, de sua forma como de seu conteúdo e das associações que elas evocaram ou evocam na consciência dos falantes, já não descarta o que chamamos “o sentimento linguístico”, isto é, a repercussão dos símbolos no espírito dos indivíduos que criam a linguagem, as eventuais visões metafóricas que presidem a criação e o emprego (re-criação) dos símbolos, os fatos de cultura que são os mitos relacionados às palavras. Evidentemente, uma coisa é a etimologia técnico-objetivista, que considera as palavras como entidades isoladas e autônomas, outra é a etimologia concreta, na qual existem as palavras em sua relação com as coisas e em suas relações orgânicas entre si, como também, no que aqui nos interessa, em relação com o sentimento linguístico é o valor expressivo atribuído pelos falantes.

Dizer simplesmente que o francês *pommes d'amour* (depois traduzido para o inglês e para o alemão como *love apples* e *Liebesäpfel*) deriva do italiano *pomi dei mori* é correto do ponto de vista exterior, nada revelando a respeito das associações que a expressão desperta na consciência dos falantes franceses, não explicando satisfatoriamente a sua forma. É também insuficiente, do ponto de vista da etimologia atual, dizer que *veilleuse* procede do céltico, porque a história semântica (e formal) desta palavra, céltica apenas em suas origens, em determinado momento se desviou pela associação com *veiller*, assim como a história de *securis* pela associação com *secare*, e a de *iterare* pela associação com *iter*.

Deve-se proceder a uma reavaliação da “etimologia popular” porque nos proporciona valiosos indícios sobre as visões metafóricas que acompanham e determinaram a criação dos signos e que continuam a se associar a eles em seu emprego. Se Isidoro não tem razão ao derivar *camisa* de *cama*, talvez não se equivoque quando relaciona *arapennis* (medida de 120 pés quadrados, forma peculiar hispânica do céltico *arepennis*), donde o espanhol antigo *arapende*, com o verbo *arare*, “arar”: talvez justamente a associação com *arar* tenha contribuído para modificar a forma da palavra. O *Diccionario* da Academia, caso não tenha razão do ponto de vista histórico, a tem do ponto de vista do sentimento linguístico atual, ao relacionar *cordilla* com *cuerda* e ao reconhecer uma única palavra *errante* em lugar de duas (uma derivada de *errar*, a outra do francês *errant*, participípio presente do francês antigo *errer*<*iterare*).

Para subsidiar a retomada de estudos sobre a etimologia popular, por nós deflagrada em Saussure, Coseriu (1987, p. 75) faz uma oportuna reflexão filosófica com o propósito de ressaltar

o lugar da criação metafórica na atividade linguística, que é sempre atividade “poética”, isto é, criadora; mostrar como a fantasia humana infunde múltiplos significados metafóricos nos contínuos fônicos que são as palavras fisicamente consideradas, como muda caprichosamente os significados e busca sempre novas imagens expressivas para nomear o que a intuição conhece e distingue, e como estabelece continuamente novas relações entre os signos mortos ou moribundos da “língua”, renovando-a continuamente, *criando-a* a cada momento, para adaptá-la às novas intuições. A alegria, a tristeza, a dor e o medo do homem, a sua maneira de considerar o mundo e a sua atitude para com ele, tudo

isso se reflete na palavra, no ato de criação linguística. O homem conhece, e ao mesmo tempo pensa e sente, estabelecendo analogias inéditas, na intuição como na expressão, analogias que contêm e manifestam o seu modo peculiar de tomar contato com a realidade. As criações individuais são imitadas, e por imitação elas se difundem, convertem-se em tradição, no patrimônio de modelos linguísticos da comunidade, tornam-se “convenções”, mas conservam, pelo menos durante certo tempo e em certos aspectos, o selo de um indivíduo criador que cumpriu o ato de revelação inicial.

Monteiro Lobato, o genial fundador da literatura brasileira, utiliza a etimologia popular com expressividade, dentre os inúmeros recursos da ludicidade verbal que o caracterizam. Na associação de palavras com alguma relação entre elas, o resultado é que a palavra menos familiar, erudita, “mais difícil” sofre a influência da outra mais conhecida, “mais fácil”, que lhe determina modificações.

Assim, aparecem as ocorrências:

a) – Como as melancias – observou Emília. O melhor é o meio, o “anjo da melancia...”

Houve uma discussão sobre o tal “anjo” das melancias, que é a parte central e mais gostosa. Emília achou que se chamava anjo justamente por isso, por ser a melhor. Mas Dona Benta não aprovou a ideia.

– Quero crer que esse “anjo” das melancias não passa de corrupção de “âmago” das melancias. Como a palavra âmago é erudita, isto é, só conhecida entre as pessoas muito cultas, alguma vez tia Nastácia ouviu na mesa o patrão chamar o miolo da melancia de “âmago” e foi lá na cozinha dizer que o nome daquilo era “anjo”. E o nome espalhou-se entre os ignorantes das redondezas e hoje até vocês falam no “anjo” da melancia...

A boneca aceitou a lição, mas continuou a dizer anjo, porque “o tal âmago fica muito sem graça e pedante. Entre um âmago e um anjo eu pego no anjo...” (*Serões de Dona Benta*, 1956, p. 150)

b) Um leiteiro amarelo em língua sueca e a palavra *jonkoping* embaixo. O povo dizia que eram fósforos do João dos Copinhos... (*História das Invenções*, 1957, p. 47)

c) Emília, se referindo à Dona Etimologia, fá-lo de várias maneiras:

– Voltemos aos sufixos, que são mais engraçadinhos – propôs Emília. Diga uma porção deles, Dona Timótea. (*Emília nos país da gramática*, 1958, p. 95)

d) – Viva! Viva! – gritou ela batendo palmas. Deu certinho Venha ver, Dona Eufrásia! Com uma Raiz e um Sufixo fabricamos uma palavra nova... (*Emília nos país da gramática*, 1958, p. 96)

e) – Não se assuste, Dona Eulália! – gritou Emília. Este paquiderme é mansíssimo... (*Emília nos país da gramática*, 1958, p. 103)

f) – Está vendo, Dona Brites? Poderá haver monstro mais carneiro? (*Emília nos país da gramática*, 1958, p. 103)

g) Só acordei quando o Doutor Cara-de-Coruja...

– Doutor Caramujo, Emília!

– Doutor Cara-de-Coruja. (*Reinações de Narizinho*, 1957, p. 34)

A título de nossa contribuição para as reflexões desenvolvidas, detemo-nos no caráter arbitrário dos símbolos linguísticos, enunciado em termos categóricos por Saussure. Com isso, “entendia ele a circunstância de não haver uma relação necessária entre a natureza das coisas e a dos sons que a designam” (1978, p. 17). Mattoso Câmara Jr., considerando a divisão de Bühler, identifica a *langue* de Saussure com a função representativa do filósofo alemão: “A língua no seu conceito saussuriano se deduz apenas da função representativa, pois compreende a estrutura, o esquema, o padrão ou a pauta que rege, em termos linguísticos, a nossa representação do mundo exterior e interior (1978, p. 10)”. Assim, se excluem do conceito de *langue* de Saussure as duas outras funções de Bühler: a manifestação psíquica e o apelo, ou seja, as funções não intelectivas.

Para nós, acompanhando Mattoso, um estudo linguístico amplo abarca tanto um sistema de fundo intelectualivo (a que se restringiu Saussure) como um sistema de expressividade, de fundo emocional, que a ele se articula, contribuindo para o funcionamento pleno da língua. Em *Dispersos* (1975, p. 136), Mattoso resolve a questão: “A solução para introduzir os elementos emocionais no sistema intelectualivo da língua é que está na base do estilo, em última análise”. A estilística, então, assume papel fundamental porque “vai depreender todos os processos linguísticos que permitem a atuação da manifestação psíquica e do apelo dentro da linguagem intelectualiva” (1975, p. 137).

Parece-nos claro que ao fenômeno da etimologia popular cabe um lugar relevante também nos estudos estilísticos, trazendo a fala do povo para o montante de fatos da língua a que se devem dar atenção e que, às vezes, permanecem na periferia, como pouco significativos.

ABSTRACT

Reading or studying Saussure usually demands preconceived attitudes. There are ideas and concepts of the Swiss master that spread as icons in the studies of contemporary linguistics. This article aims at focusing on a recurring theme in linguistic experience but seldom associated with the *Curso de Linguística Geral* (1975). From Saussure's writings, it is intended to present considerations of renowned scholars who deal with language phenomena, in order to revive and rescue the relevance of popular etymology on the list of language resources that are available for research and analysis. Besides the examples of the evolution of the phenomenon in question in foreign languages, we selected material from works of fiction published in Portuguese.

KEYWORDS: Saussure; popular etymology; theoretical studies; linguistics experience

REFERÊNCIAS

- BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York, 1933.
- CÂMARA JR., Matoso. *Contribuição à estilística portuguesa*. 3ª edição revista. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.
- _____. *Dicionário de filologia e gramática*. 2ª ed. refundida. Rio de Janeiro: J. Ozon Editor, 1964.
- _____. *Dispersos*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1975.
- COSERIU, Eugenio. *O homem e sua linguagem*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 6ª edição revista. 2ª impressão. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.
- GILLIÉRON, Jules. *Les études de géographie linguistique*. Paris, 1912.
- LOBATO, Monteiro. *História das invenções*. 9ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1957.
- _____. *Emília nos países da gramática*. 10ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1958.
- _____. *Reinações de Narizinho*. 17ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1957.

- _____. *Serões de Dona Benta*. 7ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956.
- ORR, John. *An introduction to romance linguistics*. Londres: Oxford, 1937.
- _____. *Words and sounds in english and french*. Londres: Oxford, 1953.
- PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. *Processos expressivos da literatura infantil de Monteiro Lobato*. Dissertação de Mestrado em Letras. Rio de Janeiro: PUC Rio, 1980.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- SAYCE, Archibald. *Principes de philologie compare*. 2ª ed. Paris, 1893
- ULLMANN, Stephen. *Semântica, uma introdução à ciência do significado*. 4ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.
- VENDRYES, Joseph. *Le langage, introduction linguistique à l'histoire*. Paris, 1950.

Recebido em 6 de maio

Aprovado em 15 de maio